

HOLLY BLACK

A
MENINA
MAIS FRIA
DE
COLDTOWN

Tradução:
Ana Death Duarte



Capítulo 1

*Nada pode acontecer
que seja mais belo do que a morte.*

— Walt Whitman

Tana acordou deitada em uma banheira. Suas pernas estavam levantadas, a bochecha, pressionada junto ao frio metal da torneira. Um lento gotejar ensopara o tecido sobre seu ombro e umedecera os cachos dos cabelos. O restante do corpo, inclusive as roupas, ainda estava completamente seco, o que era meio que um alívio. O pescoço estava rígido; os ombros doíam. Ela ergueu o olhar, perplexa, para o teto, para as manchas de mofo que formavam padrões como no teste de Rorschach. Por um instante, sentiu-se desorientada por completo. Depois, ficou de joelhos com dificuldade, com a pele deslizando no esmalte da banheira, e puxou para o lado a cortina do chuveiro.

Na pia havia uma pilha de copos plásticos, garrafas de cerveja e toalhas de mão que pendiam para um dos lados. A luz do sol do fim do verão, brilhante e cor de manteiga, fluía vinda de uma pequena janela acima da privada, fluxo este interrompido somente pelas sombras oscilantes formadas pela guirlanda de alho que pendia acima dela.

Uma festa. Certo. Ela estivera em uma festa ao pôr do sol.

— Argh! — disse, com os dedos na cortina para se equilibrar, arrancando três anéis da vara com seu peso. As têmperas latejavam prolongada e indistintamente.

Ela lembrou-se de se arrumar, colocar as pulseiras metálicas que ainda retiniam de encontro umas às outras quando se mexia, e das botas vermelho-escuras com ponteira de aço cujos cadarços ela levava uma eternidade para amarrar e, misteriosamente, não estavam mais em seus pés. Lembrou-se de como havia passado o delineador preto sobre os olhos de um azul indistinto e de ter dado um beijo no espelho para ter sorte. Depois disso, tudo ficara levemente borrado em sua mente.

Apoiando-se para levantar-se, Tana foi cambaleando até a torneira e borrifou água no rosto. A maquiagem estava borrada, o batom manchava a bochecha e o rímel espalhava-se pelo rosto como um borrão. Havia um rasgo na manga do vestido branco estilo babydoll que ela havia pegado emprestado do closet da mãe. Os cabelos negros eram uma bagunça emaranhada que não deu para arrumar muito bem penteando-os com os dedos. Ela parecia uma mímica destroçada.

A verdade era que Tana estava bem certa de haver desmaiado no banheiro enquanto evitava seu ex, Aidan. Antes disso, eles estiveram jogando um pouco de um jogo chamado A Dama ou O Tigre, em que se apostava se, ao jogar uma moeda, daria cara (Dama) ou coroa (Tigre). Se a pessoa fizesse a escolha errada, teria que virar uma dose. Depois disso ela dançara bastante e tomara mais alguns goles de uma garrafa de uísque. Aidan havia provocado Tana a dar uns amassos na nova namorada rabugenta dele, a dos cabelos cor de morango, que usava uma coleira de cachorro que ela encontrara na entrada. Ele dissera que isso seria como um eclipse do sol e da lua no céu, um casamento de todas as coisas da escuridão e da luz. *Você quer dizer um eclipse do sol e da lua em sua calça*, fora o que Tana dissera a ele, mas Aidan fora persistente de um jeito tenaz e enfurecedor.

E, enquanto o uísque cantava por seu sangue e o suor lambia sua pele, uma temeridade perigosamente familiar fora tomando conta de Tana. Com um rosto como o de um querubim iníquo, sempre fora difícil dizer não a Aidan. Pior, ele sabia disso.

Soltando um suspiro, Tana abriu a porta do banheiro — que nem mesmo estava trancada, então as pessoas deviam ter entrado e saído dali a noite toda, com ela *bem ali*, atrás da cortina do chuveiro, e quão humilhante

era isso? — e foi saindo de mansinho em direção ao corredor. O cheiro de cerveja espirrada tomava conta do ar, junto com o cheiro de alguma outra coisa, algo metálico e doce como carne. A televisão estava ligada na outra sala e ela podia ouvir a voz baixa do locutor de um noticiário enquanto caminhava em direção à cozinha. Os pais de Lance não se importavam que ele desse festas ao pôr do sol na velha casa de fazenda deles, de modo que havia uma festa lá quase todo fim de semana, trancando as portas ao crepúsculo e mantendo-as trancadas até a aurora. Tana fora a muitas dessas festas, e as manhãs eram sempre repletas de gritaria e chuveiradas, café sendo fervido e tentativas de preparar um café da manhã com alguns ovos e restos de torrada.

Além de longas filas para os dois pequenos banheiros, com pessoas batendo nas portas se alguém demorasse muito tempo por lá. Todo mundo precisava fazer xixi, tomar banho e trocar de roupa. Com certeza isso teria feito com que Tana acordasse.

Mas, se ela *estava* dormindo enquanto tudo isso acontecia e todo mundo já tinha ido para um restaurante, eles estariam rindo muito dela. Estariam fazendo piadas sobre ela, inconsciente na banheira, e fosse lá o que tivessem feito naquele banheiro enquanto ela dormia, e mais, talvez, fotos, todos os tipos de coisas idiotas que ela teria de ouvir repetidas vezes assim que as aulas na escola começassem. Tana simplesmente teve sorte de eles não terem desenhado um bigode nela.

Se Pauline estivesse na festa, nada disso teria acontecido. Quando elas ficavam detonadas pela bebida, geralmente se aninhavam debaixo da mesa da sala de jantar, com braços e pernas jogados por cima uma da outra, como gatinhos em uma cesta, e nenhum garoto no mundo, nem mesmo Aidan, seria atrevido o bastante para encarar a língua afiadíssima de Pauline. Mas Pauline estava no acampamento do grupo de teatro, e Tana sentira-se entediada, então fora sozinha à festa.

A cozinha estava vazia, com cerveja derramada e refrigerante de laranja formando poças nas bancadas e sendo absorvido por um pouco de batatas fritas de saquinho. Tana estava esticando a mão para pegar o bule de café quando, pelo chão de linóleo preto e branco, logo ali do outro lado

do batente da porta da sala de estar, ela viu a mão de alguém, com os dedos estirados como se a pessoa estivesse dormindo. Tana relaxou. Ninguém estava acordado ainda, isso era tudo. Talvez ela fosse a primeira que estivesse em pé, embora, quando pensou novamente no sol que entrava pela janela do banheiro, ele parecesse alto no céu.

Quanto mais contemplava aquela mão, porém, mais notava que parecia estranhamente pálida, com a pele azulada em volta das unhas. O coração de Tana começou a espancar o peito, era seu corpo reagindo antes que a mente entendesse o que havia acontecido. Lentamente ela colocou de volta o bule sobre a bancada e forçou-se a cruzar o chão da cozinha, com passos cautelosos, até que estivesse além do limiar da sala de estar.

Então ela teve que se forçar a não gritar.

O carpete marrom-amarelado estava duro e negro com faixas de sangue seco, respingado como em um quadro de Jackson Pollock. Havia faixas de sangue nas paredes, e marcas de mãos com sangue manchavam as encardidas superfícies bege. E os corpos. Dúzias de corpos. Pessoas que ela via todos os dias desde o jardim da infância, pessoas com quem havia brincado de pega-pega, por quem havia chorado e que havia beijado, jaziam em ângulos estranhos, com aqueles olhares fixos como se fossem fileiras de bonecas na vitrine de uma loja.

A mão perto do pé de Tana era de Imogen, uma bonita e gorducha garota de cabelos cor-de-rosa que planejava ir para a escola de artes no ano seguinte. Os lábios dela estavam levemente separados, e seu vestido de verão azul-marinho com estampa de âncoras estava enrolado para cima, deixando as coxas dela à mostra. A garota parecia ter sido pega enquanto tentava se arrastar para escapar. Um dos braços estava estendido e, do outro, sangue gotejava no tapete.

Os corpos de Otta, Ilaina e Jon estavam empilhados, juntos. Eles tinham acabado de voltar do acampamento de líderes de torcida do verão e tinham dado início à festa com uma série de saltos mortais no quintal logo antes do pôr do sol, enquanto mosquitos zumbiam pela brisa cálida. Agora, havia sangue seco incrustado em suas roupas como ferrugem, colorindo seus cabelos, pontilhando suas peles como se fossem sardas. Os olhos estavam abertos, travados, e as pupilas estavam nebulosas.

Tana encontrou Lance em um sofá, com os braços jogados por cima

dos ombros de uma garota, de um lado, e de um garoto, do outro, e os três estavam com marcas irregulares de perfuração na garganta. Todos estavam com garrafas de cerveja perto das mãos, como se ainda estivessem na festa. Como se provavelmente os lábios azulados deles fossem dizer o nome de Tana a qualquer momento.

Tana sentiu-se tonta. A sala parecia girar. Ela afundou no tapete coberto de sangue e sentou-se, e o som de algo martelando em sua cabeça ficava cada vez mais alto. Na televisão, alguém estava borrifando um produto de limpeza de laranja em uma bancada de cozinha de granito enquanto uma criança sorridente comia uma fatia de pão com geleia.

Ela notou que uma das janelas estava aberta, e a cortina estava ondeando ao vento. Deveria ter ficado quente demais na festa, com todo mundo suando na pequena casa e ansiando pela fresca brisa logo ali fora. Então, uma vez que a janela estava aberta, seria fácil se esquecer de fechá-la. Afinal, ainda havia o alho, ainda havia a água benta nas vergas das portas e janelas.

Coisas assim aconteciam na Europa, em lugares como a Bélgica, onde as ruas estavam apinhadas de vampiros e as lojas não abriam antes de escurecer. Não aqui. Não na cidade de Tana, onde nem um único ataque sequer havia ocorrido em mais de cinco anos.

E, ainda assim, tinha acontecido. Uma janela fora deixada aberta à noite, e um vampiro entrara sorrateiramente por ali.

Ela deveria pegar seu celular e telefonar... ligar para alguém. Não para seu pai; de jeito nenhum ele seria capaz de lidar com isso. Talvez a polícia. Ou um caçador de vampiros, como Hemlok, da TV, o imenso e careca ex-praticante de luta livre que sempre vestia roupas de couro. Ele saberia o que fazer. Sua irmã mais nova tinha um pôster de Hemlok em seu armário na escola, bem ao lado de fotos de Lucien, seu vampiro de cabelos dourados predileto de Coldtown. Pearl ficaria tão animada se Hemlok viesse... finalmente ela conseguiria o autógrafo dele.

Tana começou a dar risadinhas, o que era péssimo, ela sabia disso, e levou as mãos à boca para abafar o som das risadas. Não era uma boa rir na frente de pessoas mortas. Era como se estivesse rindo em um funeral.

Os olhos de seus amigos a observavam sem piscar.

Na televisão, o locutor estava prevendo chuvas isoladas mais para o fim da semana. A Nasdaq estava em baixa.

Tana lembrou-se novamente de que Pauline não estava na festa. Ficou tão feroz e egoisticamente feliz que não conseguia nem mesmo se sentir mal por causa disso, porque Pauline estava viva até mesmo quando todo o resto do pessoal estava morto.

De longe, no quarto de hóspedes, o telefone de alguém começou a tocar. O toque era um remix metálico de *Tainted Love*. Depois de um tempinho, parou. Em seguida, dois telefones muito próximos um do outro começaram a tocar quase ao mesmo tempo, e seus toques se combinavam em um coro dissonante.

O noticiário deu lugar a um programa sobre três homens que moravam juntos em um apartamento com uma caveira que fazia comentários sarcásticos sobre as coisas. A trilha das risadas rugia a cada vez que a caveira falava. Tana não sabia ao certo se aquilo era um programa de verdade ou fruto de sua imaginação. O tempo ia passando.

Ela passou um sermão a si mesma: tinha que levantar do chão e entrar no quarto de hóspedes, onde estavam as jaquetas empilhadas em cima da cama, fuçar nos arredores até encontrar sua bolsa, as botas e as chaves de seu carro. O celular também estava lá. Precisaria dele se fosse telefonar para alguém.

Tana tinha que fazer a coisa certa, então... chega de ficar sentada.

Ocorreu-lhe que havia um telefone mais perto, enfiado no bolso de um dos cadáveres ou pressionado entre a fria e morta pele e a renda de um sutiã. Mas ela não conseguia suportar a ideia de procurar nos corpos.

Levanta!, disse a si mesma.

Forçando-se a ficar em pé, ela começou a seguir seu caminho pelo chão, tentando ignorar o som das pisadas dos pés descalços no tapete, tentando não pensar no cheiro de decomposição que a sala emanava. Lembrou-se de algo da aula de estudos sociais de seu segundo ano na escola secundária, em que a professora havia contado aos alunos sobre a famosa incursão em Corpus Christi, quando o Texas tentara fechar sua Coldtown e levava tanques cidade adentro durante o dia. Todos os humanos que lá estivessem e pudessem ter sido infectados foram mortos a tiros. Até mesmo a filha do prefeito havia sido morta. Muitos vampiros que dormiam foram mortos também,

arrancados dos esconderijos e decapitados ou expostos à luz do sol. Quando a noite caía, os vampiros remanescentes conseguiram matar os guardas no portão e fugiram, deixando dúzias e mais dúzias de pessoas drenadas e infectadas em seu rastro. Os vampiros do Corpus Christi ainda eram um alvo popular para caçadores de recompensas na televisão.

Todas as crianças tiveram que fazer um projeto diferente para aquela aula. Tana tinha feito um diorama, com uma caixa de sapatos e muita tinta têmpera vermelha, para representar um artigo que ela havia recortado do jornal sobre três vampiros fugitivos da incursão em Corpus Christi que haviam invadido uma casa, matado todo mundo e depois descansado entre os cadáveres até a noite cair novamente.

O que a fez imaginar se ainda poderia haver um vampiro na casa, o vampiro que havia assassinado todas aquelas pessoas. Que, de alguma forma, não a tinha visto, que estivera concentrado demais no sangue e na carnificina para abrir todas as portas de todos os armários de corredor ou banheiros, que não havia puxado para o lado uma cortina de chuveiro. Porém, agora ele a mataria, caso a ouvisse se movendo.

Seu coração ficou acelerado, soando como uma trovoadas de encontro às costelas, e todas as batidas do coração pareciam socos dentro do peito. *Idiota*, dizia o coração. *Idiota, idiota, idiota!*

Tana sentiu-se zozna, com a respiração vindo em soluços rasos. Sabia que deveria sentar-se novamente e colocar a cabeça entre as pernas, isso é o que se deve fazer caso a pessoa esteja hiperventilando, mas, se ela se sentasse, poderia nunca vir a se levantar. Forçou-se a inspirar profundamente em vez de se sentar, deixando o ar sair dos pulmões tão lentamente quanto possível.

Tana queria sair correndo porta afora, cruzar o gramado em uma corrida e socar as portas dos vizinhos até que a deixassem entrar.

Porém, sem as botas, nem o celular e nem as chaves, ela enfrentaria problemas se não houvesse ninguém em casa. A casa de fazenda dos pais de Lance ficava bem no interior, e toda aquela terra atrás da propriedade era um parque estadual. Não havia muitos vizinhos ali por perto. E Tana sabia que, assim que pusesse os pés para fora daquela porta, não haveria força alguma na Terra que pudesse fazer com que voltasse.

Estava dividida entre o impulso de sair correndo e a urgência de enrolar-se como um tatu, fechar os olhos, enfiar a cabeça debaixo dos braços e brincar de “já-que-eu-não-posso-ver-os-monstros-eles-não-conseguem-me-ver”. Nenhum desses impulsos a salvaria. Tana tinha que *pensar*.

A luz do sol matizava a sala de estar, filtrada pelas folhas das árvores do lado de fora, o sol do fim de tarde, certo, mas ainda era sol. Ela se prendeu a isso. Até mesmo se um ninho de vampiros inteiro estivesse no porão, eles não iriam... não teriam como... subir antes do cair da noite. Ela deveria se ater ao plano: ir até o quarto de hóspedes e pegar as botas, o celular e as chaves do carro. Em seguida, ir para fora e ter o maior e mais terrível surto de sua vida. Ela se permitiria gritar ou até mesmo desmaiar, contanto que fizesse isso dentro do carro, longe dali, com as janelas fechadas e as portas travadas.

Com cuidado, com muito cuidado, tirou cada uma das pulseiras reluzentes de metal, colocando-as sobre o tapete de modo que não fossem tilintar quando ela se movesse.

Desta vez, enquanto cruzava a sala, ela estava ciente de cada rangido do assoalho, de cada respiração rascada. Tana imaginou bocas com presas nas sombras; imaginou mãos frias abrindo caminho pelo linóleo da cozinha, unhas arranhando seus tornozelos enquanto ela se arrastava na escuridão. Pareceu uma eternidade antes de ela chegar até a porta do quarto de hóspedes e girar a maçaneta.

Então, apesar de todas as suas melhores intenções, ficou ofegante.

Aidan estava atado à cama. Seus pulsos e seus tornozelos estavam presos aos postes da cama com cordas de *bungee-jump*, e havia *silver tape* sobre a boca dele, mas estava vivo. Por um longo instante, tudo que Tana conseguiu fazer foi ficar com o olhar fixo nele, com o choque de tudo aquilo caindo sobre ela de uma vez. Alguém havia prendido com fita sacos de lixo sobre as janelas, bloqueando a luz solar. E, ao lado da cama, amordaçado e acorrentado, estava outro garoto, de cabelos tão negros quanto tinta nanquim. Ele ergueu o olhar para ela. Seus olhos eram brilhantes como rubis e tão vermelhos quanto.